

XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

**INSTITUIÇÃO, PESQUISA, ACERVOS, MUSEU:
COLEÇÕES BIOLÓGICAS NA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**

***INSTITUTION, RESEARCH, COLLECTIONS, MUSEUM:
BIOLOGICAL COLLECTIONS AT THE OSWALDO CRUZ FOUNDATION***

Bruno da Silva Mussa Cury – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Marcio Ferreira Rangel – Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente trabalho resulta de uma pesquisa de doutorado em museologia e patrimônio, que explora o processo histórico das coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) sob a perspectiva da museologia e do patrimônio. Desde seus primórdios, a instituição desenvolveu iniciativas que culminaram na formação e gestão de coleções biológicas, bem como na criação de espaços destinados ao seu manejo. O objetivo é identificar o papel do Museu nos processos institucionais da Fiocruz, analisando historicamente como ele emerge, não como um espaço definido, mas como uma instância híbrida, moldada pelas interações entre a pesquisa científica e as políticas institucionais. O crescimento das coleções, tanto em volume quanto em tipologias, demandou a organização de espaços que desempenham funções museológicas, como inventariar, preservar e exibir os acervos acumulados, ainda que sem uma estrutura formal de gestão museológica desde o início. Dessa forma, o Museu é entendido como uma instância em constante transformação, ajustando-se ao desenvolvimento da Fiocruz, como uma instituição científica que acumula e desenvolve coleções, moldando-se continuamente ao longo do tempo como resultado desse processo.

Palavras-chave: Fiocruz; complexo de acervos; museu; coleções biológicas.

Abstract: The research theme underlying this study investigates the historical process of the biological collections at the Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz) from the perspective of museology and heritage. Since its early days, the institution has developed initiatives that have culminated in the formation and management of biological collections, as well as the creation of spaces dedicated to their care. The objective is to identify the role of the Museum within Fiocruz's institutional processes, analyzing historically how it emerges, not as a defined space, but as a hybrid instance, shaped by the interactions between scientific research and institutional policies. The growth of the collections, both in volume and in typologies, required the organization of spaces that perform museological functions, such as inventorying, preserving, and exhibiting the accumulated collections, even without a formal museological management structure from the beginning. Thus, the Museum is understood as an instance in constant transformation, adjusting to the development of Fiocruz as a scientific institution

that accumulates and develops collections, continuously shaping itself over time as a result of this ongoing process.

Keywords: Fiocruz; collections complex; museum; biological collections.

1 INTRODUÇÃO

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) é, atualmente, uma instituição que compõe a estrutura do Ministério da Saúde do Brasil. É referência em atenção e pesquisas em saúde no país, além de, também, ser reconhecida como centro de produção de vacinas, medicamentos e políticas para o Serviço Único de Saúde (Como [...], 2020).

A instituição reconhece que compreende aquilo que denomina como um "Sistema Fiocruz de Ciência, Tecnologia e Inovação". Sistema, esse, que configura-se em uma rede de integração que abarca as principais frentes da atuação institucional, que, por sua vez, compõem a sua missão atual: Pesquisa; Educação; Vacinas, Medicamentos e Diagnósticos; Vigilância em Saúde; Informação, Comunicação e Divulgação Científica; Atenção à Saúde; Preservação do Patrimônio Científico, Histórico e Cultural da Saúde; e Saúde e Ambiente (Fundação Oswaldo Cruz, 2021).

Não é incomum que a ampla atuação da Fiocruz cause certa estranheza, dado seu vasto potencial para a geração de novos conhecimentos, serviços e produtos em áreas que extrapolam o âmbito das ciências biomédicas, mesmo que a saúde sempre seja a dimensão daquilo que produz. Esse cenário é promovido institucionalmente por meio das pesquisas básica e aplicada e de ações educativas (Congresso Interno da Fundação Oswaldo Cruz, 2022, p. 34) como, por exemplo, nos campos do patrimônio cultural, da divulgação e popularização da ciência, e da informação e comunicação. Recentemente, a instituição foi reconhecida como Patrimônio Nacional da Saúde Pública por meio de Lei¹ aprovada no Congresso Nacional. Isso decorreu do esforço e protagonismo de profissionais que assumem a dimensão da preservação do patrimônio científico, histórico e cultural como linha de ação na comunidade

¹ A Câmara dos Deputados aprovou, no dia 26 de maio de 2021, o Projeto de Lei n. 2077/2019, transformado, posteriormente, em Lei aprovada no Congresso Nacional.

institucional e arregimentam base aliada para divulgar e angariar reconhecimento ao trabalho da Fiocruz na promoção da saúde e da ciência no Brasil historicamente.

Em sua complexa estrutura organizacional, a Fiocruz abriga em alguns de seus órgãos específicos singulares² atividades dedicadas à história, memória e preservação do patrimônio cultural nos dias de hoje. Tais órgãos desenvolvem atividades de educação, informação e divulgação/popularização das ciências no campo da ciência e da tecnologia em saúde, destacando-se as exposições e o *Museu* como espaço de acolhimento, mediação e ações de educação não-formal dos temas relacionados junto à sociedade. Contudo, a Fiocruz é frequentemente percebida — sobretudo pelo público que não teve a oportunidade de acessar as atividades referidas — apenas como um centro de pesquisas biomédicas *stricto sensu* (Como [...], 2020, p. 26), o que não revela completamente sua pluralidade institucional na compreensão do público³.

Entender a Fiocruz apenas como um centro de pesquisas biomédicas *stricto sensu* seria limitar sua pluralidade institucional. Suas atividades englobam áreas como patrimônio cultural, divulgação científica e preservação de coleções científicas e culturais. Recentemente, a Fiocruz foi reconhecida como Patrimônio Nacional da Saúde Pública, reforçando sua importância tanto no campo da ciência quanto na preservação de seu patrimônio institucional (Como [...], 2020, p. 34).

Nessa relação com a Fiocruz, não estamos considerando *Museu* como instituição estruturada definida, mas sim como uma instância, ou seja, quanto ao seu papel e suas funções dentro de uma estrutura mais ampla desde o início das operações do Instituto de

² A Fiocruz tem uma estrutura organizacional complexa fundamentada na finalidade matricial da Fundação de desenvolver atividades nas áreas da saúde, da educação e do desenvolvimento científico e tecnológico. Essa estrutura é composta por: I - órgãos de assistência direta e imediata ao Presidente da Fiocruz; II - órgãos seccionais; III - órgãos específicos singulares (Brasil, [2022]).

³ Em 2020, como parte das comemorações dos 120 anos da Fiocruz, foi realizada a pesquisa “Como brasileiros e brasileiras veem a Fiocruz: um estudo em 12 cidades do país”, que constata que a Fiocruz é vista como um patrimônio da sociedade brasileira para 56,8% dos entrevistados. No entanto, os entrevistados destacaram-na como a instituição mais importante do país entre as que conhecem sublinhando a relevância da Fiocruz na saúde pública (por exemplo, na produção de vacinas e medicamentos de qualidade), na pesquisa científica (sendo considerada uma das instituições de pesquisa mais importantes do Brasil) e na relevância social (por exemplo, na percepção de que a Fiocruz é útil).

Manguinhos⁴ no limiar para o século 20. Portanto, abordamos essa "instância museu" presente na Fiocruz ao longo de sua trajetória, observando a instituição não apenas como um lugar que sustentou e sustenta museus em sua estrutura em diferentes momentos. Ao longo dessa história, o *Museu* aparece em momentos distintos — quando não explicitamente em atividades relacionadas ao modelo de instituição em que foi se configurando a partir de suas primeiras ações e relações (Rangel; Cury, 2023). A reflexão destaca, em particular, como as coleções biológicas da Fiocruz, desde os seus surgimentos, contribuíram para a configuração da Fiocruz como um espaço de preservação e difusão de conhecimento científico e cultural, e, como a Fiocruz, nesse contexto, desenvolveu uma atuação museológica, ainda que, originalmente, o museu ainda não estivesse estruturado em suas linhas de atuação.

Museu, aqui, atua não apenas como uma entidade isolada, mas como uma parte de um sistema maior. Ele aparece como um conjunto de práticas, espaços e processos destinados à preservação, documentação, estudo e comunicação de coleções que possuem valor histórico, científico e que, conseqüentemente, demandam ações que são refletidas no âmbito de pesquisas e intervenções integrantes do campo da história, do patrimônio e da museologia.

Museu pode ser caracterizado, por exemplo, pelo desenvolvimento de atividades tais como coletar, conservar e exibir itens relevantes para o desenvolvimento dos estudos abrigados na instituição, itens esses que se convertem em registro e, por consequência, testemunhos da história da ciência e da saúde no Brasil, antes mesmo de existirem práticas museológicas estruturadas. Hoje, correspondem a um complexo de acervos abrigados por diversos departamentos e laboratórios institucionais estruturados em órgãos específicos singulares distintos que compõem a Fundação. Por isso, optamos por nos relacionarmos com essa instância *Museu* que estamos definindo, e não com os museus — tanto os que existiram como os que ainda existem — formalizados na estrutura da instituição em diferentes épocas.

⁴ Resumidamente, a Fiocruz tem início com a criação do Instituto Soroterápico Federal, que teve origem no laboratório de Manguinhos, em 25 de maio de 1900, anexado ao Instituto Vacínico Municipal. Estabelecido para produzir soro contra a peste bubônica e inaugurado em 23 de julho de 1900, na fazenda de Manguinhos, Rio de Janeiro. Em 1907, o instituto foi renomeado Instituto de Patologia Experimental. Em 1908, já sendo também conhecido como Instituto de Manguinhos, ganhou oficialmente o nome de Instituto Oswaldo Cruz. Em 1970, tornou-se um órgão de administração direta do Ministério da Saúde e uma entidade de direito privado, passando a ser Fundação Instituto Oswaldo Cruz, e depois Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz (Casa de Oswaldo Cruz, 2024).

Pela diversidade das suas áreas de atuação, a Fiocruz se revela como uma complexa *rede*⁵ de ciência, tecnologia e inovação, o que a torna um centro singular. Ao considerar a sua estrutura e a presença de atividades vinculadas aos campos da história, memória, museologia e patrimônio, questões sobre a compreensão das suas dimensões como instituição de saúde emergem. Por que o *Museu* se manifesta na Fiocruz? Como que as atividades vinculadas à história, à memória, à museologia e ao patrimônio surgem em meio ao contexto de pesquisadores, laboratórios biomédicos, doentes, prédios funcionais, soros, vacinas, medicamentos e disputas políticas associadas. Como e por que museus foram criados na instituição? Quais acervos existem? Por que o complexo de acervos da Fiocruz não se conforma na administração de um único órgão institucional reconhecido como um museu?

Essas questões desvelam a relevância de identificar as práticas museológicas no caso da Fiocruz. A partir da estrutura institucional atual, em uma perspectiva histórica, é possível identificar como essas práticas estiveram presentes ao contribuir para o desenvolvimento institucional, onde atualmente desponta o campo da museologia e do patrimônio. Este trabalho examina, portanto, como reflexões a respeito do conceito de museu são úteis para pensarmos essa trajetória e para compreender o papel da Fiocruz na preservação, gestão e difusão do patrimônio científico ligado às ciências da saúde no Brasil como instituição pública de Estado.

O objetivo deste trabalho é compreender como processos museológicos se conformaram numa instituição ao longo do tempo, em vez de entendê-la apenas como um lugar que, dentro do nosso enfoque, abriga museus. As coleções biológicas atuam como parte crucial desse processo, presentes no desenvolvimento dessas ações desde o início do Instituto Soroterápico Federal até a criação do Complexo de Acervos da Fiocruz (Preservo) instituído em 2018. Essa reflexão é parte de uma pesquisa onde busca-se investigar como a preservação dessas coleções biológicas contribui para a constituição do campo da museologia e do patrimônio na instituição e para a sua missão de divulgação e preservação. A análise histórico-institucional foca nas relações entre a formação das coleções biológicas e o desenvolvimento de práticas museais na Fiocruz. Foram consultados relatórios institucionais da Fiocruz,

⁵ Bruno Latour (2000) se utiliza do conceito de 'redes' reelaborando-o para os fins metodológico-analíticos que desenvolve em sua obra. No entanto, o termo, para fora do âmbito do artefato e como conceito para designar um sistema integrado de pontos que se interconectam, passa por Auguste Comte no século XIX e é incorporado por outras escolas até chegar no século XX, quando será desenvolvido pelos estudos CTS, que o estende e o aplica a diversos subcampos.

bibliografia sobre o Instituto Soroterápico Federal e publicações internas. Adicionalmente, utilizou-se uma bibliografia específica sobre museologia, história das ciências, e estudos de ciência tecnologia e sociedade (CTS) para embasar a reflexão pretendida, com destaque para as reflexões de Bruno Latour (2000, 2008), Scheiner (2008, 2012) e Borges (2011).

2 SITUANDO AS COLEÇÕES BIOLÓGICAS HISTORICAMENTE

Atualmente a Fiocruz possui e preserva diversos tipos de acervos científicos e culturais, como arquitetônico, urbanístico, arqueológico, arquivístico, bibliográfico, biológico e museológico, mantidos por departamentos e laboratórios existentes na composição de diferentes órgãos institucionais. Para integrar as ações dos diferentes agentes responsáveis por esse patrimônio, foi criado o Complexo de Acervos da Fiocruz (Preservo), institucionalizado pela Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz em 2018.

O Preservo é comandado pelas ações de um Comitê Gestor instituído pela Portaria da Presidência da Fiocruz, composto por grupos de trabalho dedicados à criação de documentos normativos e estruturais. Assim, constitui-se como instância articuladora para implementação da Política e elo formulador, orientador, e consultivo para a conformação de uma rede interinstitucional entre os órgãos detentores de acervos na Fiocruz, e não como uma estrutura organizacional específica (Fundação Oswaldo Cruz, 2021b, p. 7-11). O Preservo classifica os acervos da Fiocruz da seguinte maneira: Acervo arquitetônico, urbanístico e arqueológico; Acervo arquivístico; Acervo Bibliográfico; Acervo museológico; e Coleções Biológicas.

Esse movimento teve início com a formação de coleções biológicas há mais de um século atrás, quando a instituição ainda estava dando seus primeiros passos. A primeira coleção científica da Fiocruz foi principiada ainda em 1901, no então Instituto Soroterápico Federal (também conhecido como Instituto de Manguinhos), quando Oswaldo Cruz descreveu o mosquito que chamou de *anopheles lutzi*, publicando o primeiro artigo resultante de uma pesquisa realizada no Instituto (Costa *et al.*, 2008, p. 402). Ao longo dos anos, uma coleção entomológica foi formada e continuou a crescer com a preservação e o armazenamento de materiais obtidos das expedições científicas realizadas pela instituição. Com a representatividade crescente de diversos grupos em sua coleção entomológica, “o Instituto Oswaldo Cruz passou a desempenhar papel semelhante ao de um Museu Nacional de História

Natural, cuja função precípua seria inventariar a fauna e a flora de seu território” (Benchimol; Sá, 2003, p. 167). A partir de 1906, vale destacar, o Instituto passou a desempenhar papel “análogo ao dos institutos de medicina experimental europeus, que intervinham ativamente na África e na Ásia para abrir caminhos a[os] empreendimentos econômicos coloniais” (Benchimol, 2020, p. 91), se diferenciando ao ser um caso de empreendimento da República Brasileira em relação ao seu vasto território nacional de sertões tomados por doenças como a malária, que impunham enormes desafios para a expansão da exploração econômica sobre essas regiões.

À medida que o estudo sobre as doenças tropicais e seus agentes etiológicos avançava, era necessário guardar o material biológico coletado ao longo do tempo, seja para futuras pesquisas ou como referência na identificação taxonômica de germes e animais importantes para a medicina. Assim, quando a formação de várias coleções biológicas se tornou crucial para as atividades de pesquisa, os materiais coletados precisaram ser organizados para ocupar espaços de controle e preservação. Em 1903, Oswaldo Cruz, juntamente com o cientista Henrique da Rocha Lima, concebeu o Museu Patológico como uma seção do Instituto. O acervo inicial desse museu foi composto por culturas bacterianas e blocos histopatológicos trazidos da Alemanha por Rocha Lima. A criação dessa seção foi resultado do processo institucional em meio aos acontecimentos no campo da saúde e aos debates políticos em torno do combate à febre amarela, que se tornou uma prioridade para as políticas públicas do país. Para estudar a anatomia patológica da febre amarela e realizar diagnósticos necroscópicos, Oswaldo Cruz designou pesquisadores do Instituto para essa tarefa. Após as autópsias, os órgãos alterados eram recolhidos e armazenados no museu do Instituto de Manguinhos (Benchimol, 2020, p. 67-69), formando, também, uma coleção.

Para compreender melhor a importância das coleções biológicas na estrutura institucional ainda em seus primeiros anos, é necessário contextualizar algumas ações de divulgação que destacaram o Instituto internacionalmente no início do século XX.

2.1 As coleções biológicas da Fiocruz e as práticas museológicas

Em busca de prestígio e recursos, o Instituto de Manguinhos — então renomeado Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos — através da atuação de personagens como Oswaldo Cruz e Henrique da Rocha Lima, trabalhou para participar do XIV Congresso

Internacional de Higiene e Demografia em Berlim, Alemanha, no ano de 1907 (Cukierman, 2007, p. 312-316). Oswaldo Cruz viu nessa oportunidade uma chance de apresentar os resultados do trabalho de saúde pública desenvolvido no Instituto para um público internacional.

Uma grande exposição foi preparada, incluindo maquetes do Instituto, amostras biológicas do acervo do museu e exemplares das coleções biológicas, todas levadas para a Alemanha. Durante o evento, o público pôde ver diversas peças anatomopatológicas de doenças estudadas, insetos hematófagos, preparações microscópicas e representações de ciclos evolutivos completos de protozoários. Entre as peças expostas estavam fígados, rins e baços de pacientes acometidos pela febre amarela, além de pulmões com pneumonia, tudo preservado adequadamente. Essa exposição proporcionou ao mundo uma visão inédita da escala e das diferentes dimensões do trabalho realizado, bem como das ambições do Instituto de Manguinhos até então.

Novamente na Alemanha, a participação do Instituto na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, em 1911, teve um impacto grande para o reconhecimento de ações institucionais. A exposição destacou as pesquisas sobre a Doença de Chagas e outras ações de saúde pública realizadas por pesquisadores de Manguinhos, apresentando peças anatômicas, fotografias, ilustrações e moldes em gesso de bustos e pescoços de pacientes (Soares; Nogueira, 2017, p. 12-17).

Práticas museológicas despontam no Instituto de Manguinhos, então, relacionadas às coleções em seus primeiros anos nas seguintes manifestações: (1) na preservação e no armazenamento contínuo de materiais obtidos das expedições científicas, ilustrando a função museológica de colecionar, documentar e conservar espécimes para futuras pesquisas e referência; (2) no acúmulo inicial de itens destinados ao suporte à pesquisa científica; (3) na organização e preservação de materiais biológicos; (4) na criação, decorrente, do Museu Patológico; (5) nos processos institucionais em meio aos acontecimentos no campo da saúde e aos debates políticos em torno do combate à febre amarela; (6) na coleta e preservação de órgãos humanos afetados pela doença; (7) nas ações de divulgação por meio de produção de exposições fazendo uso do acervo das coleções formadas na instituição.

Seguindo por esta senda, identificamos que o papel inicial do Instituto de Manguinhos, fundado com um objetivo menos ambicioso, foi redefinido ao longo do tempo pelas mobilizações por parte dos atores associados (Rangel; Cury, 2023, p. 21). O Instituto de

Manguinhos oferece uma riqueza de possibilidades para investigar aspectos do *Museu* através de sua própria trajetória, marcada por processos contínuos de associações. Por manifestações como as descritas, as coleções biológicas despontam como parte essencial da trajetória institucional, não apenas como suporte à pesquisa científica, mas como elementos centrais de um processo de mobilização que envolve a dinâmica de processos museais na Fiocruz, do que advém a percepção da manifestação do museu na instituição não como departamento de atribuições definidas, mas como instância.

A partir dessa percepção, é relevante refletir o *Museu* no desenrolar do processo histórico da instituição, a fim de compreender sua dimensão institucional no tempo presente. Para tal, três abordagens servem-nos para a formulação de uma base conceitual para interpretar o *Museu* no âmbito proposto no recorte deste trabalho: duas refletem sobre a compreensão do conceito de museu, e uma terceira abordagem adequa-se como via de pensamento capaz de fornecer ferramental para registro de tais processos em historicidade, processos esses que passam por translação⁶ até o atual estado em que se encontra o *Museu* na Fiocruz atualmente.

2.2 Uma interseção entre processo, história e linguagem

A primeira abordagem está no aprofundamento sobre uma questão que a museóloga, pesquisadora e teórica do museu como fenômeno, Tereza Scheiner reflete: o museu como processo (Scheiner, 2008). Soares & Valentino (2019, p. 205-206) apontam que Tereza Scheiner, sob a influência de teóricos como Stránský, Šola e Desvallées — e colaborando no âmbito do Conselho Internacional de Museologia (ICOM), com o projeto de terminologia do *ICOM international committee for museology* (ICOFOM), compreende que à medida que a

⁶ Bruno Latour (2000, p.178-199) introduz o conceito que define por "translação" como parte do processo de construção do conhecimento científico. Translação refere-se à maneira como os actantes (cientistas, engenheiros, políticos, dispositivos, meios de cultura etc.) mobilizam, transformam e transportam informações, recursos e interesses ao longo de uma rede. Este processo envolve a constante negociação e reconfiguração das relações entre diferentes actantes, permitindo a construção e estabilização de fatos científicos. Os actantes (humanos e não-humanos) reúnem aliados, traduzem interesses e inscrevem esses interesses em dispositivos materiais e textos. A translação é, portanto, um movimento dinâmico e permanente de interpretação e reinterpretação, no qual o significado e a direção das pesquisas científicas são continuamente negociados e redefinidos.

museologia contemporânea foi sendo delineada, buscando por uma abordagem holística, seria cada vez mais necessário repensar o conceito de museu. Scheiner advoga pelo pensamento de que museu é percebido como um fenômeno que pode ser identificado por uma conexão singular entre o ser humano, o espaço, o tempo e a memória, a qual chama por 'musealidade'.

A musealidade é um valor atribuído a certas 'dobras' do Real, a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas. E, portanto, a percepção (e o conceito) de musealidade poderá mudar, no tempo e no espaço, de acordo com os sistemas de pensamento das diferentes sociedades, em seu processo evolutivo. Assim, o que cada sociedade percebe e define como 'Museu' poderá também mudar, no tempo e no espaço. (Scheiner, 2012, p. 18).

A musealidade e, conseqüentemente, o que é definido por 'museu' pode variar no tempo e no espaço, refletindo a evolução dos sistemas de pensamento das sociedades. Uma reflexão sobre o *Museu* ao longo da história da Fiocruz, inspirada por esse pensamento, como fenômeno, nos serve à complexidade e evolução da ideia de *Museu* como processo de mobilizações institucionais.

A segunda abordagem se dispõe a um aprofundamento sobre a questão levantada na primeira. O pensador e pesquisador sobre patrimônio cultural e discurso museológico, doutor em linguística, Luís Carlos Borges (2011) desenvolve a interessante percepção de museu como 'evento', isto é,

[...] como um acontecimento particular que irrompe em uma dada estrutura, ou processo sócio-histórico, e dá início a uma nova cadeia de acontecimentos [...] um ponto em um sistema específico de coordenadas [...] (que) só pode ser histórico-social e, logo, ideológico (Borges, 2011, p. 38).

O autor também observa que:

No que tange à constituição onto-histórica do museu, observa-se também na área da museologia a existência de um campo de disputa [...] em que as tensões e contradições envolvendo o semântico (a própria significação do termo museu e seus termos correlatos), o teórico-metodológico (conceitos e métodos de análise do que é e qual deve ser a atuação do museu) e o político (o papel do museu na comunidade local, no país e no mundo). É neste tipo de campo – sempre complexo, contraditório, desigual, mas em que é possível apontar dominâncias – que se debatem as correntes

que, grosso modo, procuram hegemonizar-se enquanto paradigma no que tange à explicação e compreensão da gênese e do sentido de museu. Dentre essas diversas correntes, há aquelas que defendem uma explicação ontológica (fenomenológica ou processualística) e aquelas que se pautam por uma explicação histórico-política (institucional ou eventual) para a gênese e existência do museu (Borges, 2011, p. 40).

Ao discutir o caráter onto-histórico do museu, cabe formular argumentos em torno das suas concepções: museu-fenômeno, museu-processo e museu-evento. Resumidamente, correndo o risco de certa imprecisão interpretativa, compreendemos que o autor defende que aquilo que tomamos por Museu é tanto um fenômeno observável e sujeito às leis gerais da racionalização, quanto um evento sócio-histórico. Sua visão do museu como fenômeno implica uma atenção às suas particularidades e singularidades, o que pode obscurecer o processo sócio-histórico. Há então que se considerar que o museu se inscreve na história — assim como a história se inscreve no museu — duplamente: como acontecimento sociocultural e como acontecimento discursivo.

Para além do seu caráter como um processo — cultural e político —, o museu — como instituição — atua na sociedade sendo interferido por ela, pelo seu ordenamento. Sua institucionalização, portanto, é essencial e diretamente relacionada à organização sócio-política da sociedade. O sentido e valor do museu só podem ser plenamente entendidos em relação à história social e ao campo específico de atuação, justificando sua emergência e existência, “o museu institui-se como interseção entre a história e a linguagem. Assim e discursivamente, o museu faz-se ator histórico e produtor de historicidades” (Borges, 2011, p. 44). Partindo dessas premissas, Borges compreende que o Museu é um evento ‘histórico-sociocultural’, cuja existência e institucionalização são explicadas pelas condições específicas de tempo, lugar e sociedade. Um museu, portanto, não é indiferente ao contexto em que se insere, mas sim um produto sócio-historicamente instituído. O museu e a história são, assim, inseparáveis, e seu estudo requer uma análise discursiva com base em sua historicidade, ou seja, que afeta e que também é afetado por ela.

2.3 Coleções biológicas e o *Museu* na atualidade: desdobramentos institucionais ao longo da história⁷

Trazendo a reflexão à história da Fiocruz, observa-se que a instituição, desde sua fundação, tem passado por um contínuo processo de redefinição e expansão de seu papel, e o *Museu* emerge em diferentes momentos de associações encadeadas nesse processo. As translações na Fiocruz – em meio às suas finalidades, disputas e reconfigurações – resultaram também em um importante centro de preservação e divulgação do patrimônio cultural das ciências, especialmente das ciências da saúde. Esse processo de transformação reflete o desenvolvimento das necessidades sociais, científicas e culturais ao longo do tempo, com a instância *Museu* no âmbito da instituição se adaptando e se reconfigurando em resposta às demandas e contextos históricos vividos.

Transitando pela trilha oferecida pelos estudos de ciência, tecnologia e sociedade (CTS), associamo-nos a ela, propondo um aprofundamento sobre o processo desse *Museu*. A terceira abordagem que nos serve se dá, nesse sentido, pelo método da Teoria Ator-Rede (TAR)⁸.

Henrique Cukierman (2007) nos serve de inspiração para uma investigação quanto ao desenrolar do *Museu* enquanto instância híbrida⁹ na FIOCRUZ, pois ele realiza uma análise sobre histórias ao redor das ações de Oswaldo Cruz no Instituto e na saúde pública brasileira,

⁷ Embora o estudo se concentre nos momentos iniciais e no período atual da Fiocruz, esses marcos foram escolhidos por representarem momentos que caracterizam claramente o contraste da transformação institucional com as coleções biológicas. A análise de todo o tempo de existência da Fiocruz será considerada em trabalhos futuros, com o foco atual voltado para esses períodos que mais influenciaram a configuração da presente abordagem sobre práticas museológicas como instância presente nos processos da Fiocruz.

⁸ A TAR e os estudos CTS compartilham interesses em comum quando exploram as inter-relações ciência — tecnologia — sociedade, com a TAR dando maior ênfase à análise das redes de atores humanos e não-humanos, e os estudos CTS adotando uma abordagem interdisciplinar para analisar os impactos sociais, culturais e políticos da ciência.

⁹ Por "instância híbrida" referimo-nos à ideia de que o *Museu* na Fiocruz é o resultado de interações contínuas entre diversos agentes, humanos e não-humanos, como pesquisadores, coleções científicas, políticas institucionais e práticas que caracterizam a atividade museológica. Latour (2000, pp 138 – 148) propõe que a realidade social e científica é formada por redes de relações entre esses diferentes elementos, os chamados actantes, todos igualmente importantes no processo de construção. Ao entendermos o *Museu* como uma "instância híbrida", reconhece-se sua natureza dinâmica e processual, moldada pelas interações entre ciência, patrimônio e políticas ao longo do tempo, em vez de uma entidade estática e fixa.

culminado em narrativas que se interseccionam, tendo o livro *Ciência em Ação* (Latour, 2000) como importante referência quanto aos princípios e regras metodológicas para se compreender o fazer da ciência advinda das relações estabelecidas naquele recorte geo-histórico. Cukierman enfrenta o desafio de compreender Oswaldo Cruz, o Instituto de Manguinhos, as leis científicas, os políticos, a legislação, as revistas médicas, os micróbios, a imprensa escrita, as cartas, os relatórios científicos, os mosquitos, as doenças, etc., ao produzir um outro tipo de narrativa, contrária aos relatos laudatórios da época — porém, repletas da historicidade — para uma compreensão do desenvolvimento do campo das ciências biomédicas no Brasil, onde Manguinhos desponta como a rede consequente dos atores agenciados por e com Oswaldo Cruz. Para tal, ele explora uma série de histórias paralelas e imbricadas umas nas outras em contraponto a uma ideia de se elaborar uma narrativa definitiva, com ares de história ‘verdadeira’ (Cukierman, 2007, p. 12-15).

Para ilustrar esse caminho, necessitamos transpor o olhar para a consequência dos desdobramentos institucionais ao longo da história, no que tange ao nosso recorte específico. Atualmente, existem 33 coleções biológicas reconhecidas institucionalmente na Fiocruz. As coleções biológicas encontram-se em diferentes órgãos específicos singulares que compõem a Fundação, distribuídos em diferentes unidades federativas pelo território nacional. O número de coleções biológicas relativas a cada um desses órgãos é o seguinte: (1) Instituto Oswaldo Cruz (IOC) - Rio de Janeiro: 21; (2) Inst. Nac. de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS) - Rio de Janeiro: 2; (3) Inst. Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI) - Rio de Janeiro: 1; (4) Instituto de Tecnol. em Fármacos (Farmanguinhos) - Rio de Janeiro: 1; (5) Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) - Rio de Janeiro: 1; (6) Instituto René Rachou (CPqRR) - Belo Horizonte: 4; (7) Instituto Leônidas e Maria Deane (ILMD) - Manaus: 2; (8) Instituto Ageu Magalhães (CPqAM) - Recife: 1.

As coleções estão classificadas nas seguintes categorias, com o respectivo número de tipos específicos relacionadas a cada uma delas: Coleções microbiológicas (16); Coleções zoológicas (12); Coleções histopatológicas (3); Coleção botânica (1); e Coleção arqueopaleontológica (1).

Identificamos que as coleções microbiológicas se encontram classificadas em diversas subcategorias, tais como a Coleção de Bactérias da Amazônia (FIOCRUZ/CBAM), Coleção de Fungos Patogênicos (Fiocruz/CFP) e Coleção de Protozoários (FIOCRUZ/COLPROT), entre outras. Já as coleções zoológicas incluem, por exemplo, a Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades (FIOCRUZ/CAVAISC) e a Coleção de

Culicidae (FIOCRUZ/CCULI). As coleções histopatológicas estão localizadas no museu que se estruturou no âmbito do Instituto Oswaldo Cruz (IOC, um dos órgãos que atualmente compõem a Fundação), o Museu da Patologia, e são compostas pela Coleção da Seção de Anatomia Patológica (FIOCRUZ/CSAP), Coleção de Febre Amarela (FIOCRUZ/CFA) e Coleção do Departamento de Patologia (FIOCRUZ/CDEPAT). A coleção botânica é a Coleção Botânica de Plantas Medicinais (FIOCRUZ/CBPM), e a coleção arqueopaleontológica é a Coleção Paleoparasitológica e de Fezes Recentes de Animais (FIOCRUZ/CPFERA).

Essas Coleções Biológicas são mantidas por iniciativas que visam promover a qualidade da pesquisa e a excelência dos serviços realizados na instituição. Elas fornecem produtos e serviços qualificados, incluindo insumos para diagnóstico, vacinas e medicamentos, para aplicações em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. A missão das Coleções Biológicas da Fiocruz é preservar o patrimônio biológico, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico, e prestar serviços de alta qualidade, alinhados às normas técnicas e marcos regulatórios, atendendo às necessidades da ciência e da saúde. Constan de planejamento estratégico onde estão estruturadas de acordo com os seguintes programas: (1) Proteção Patrimonial — Proteger o patrimônio biológico, físico e digital, salvaguardado pela Fiocruz. (2) Conservação e Restauro — Recuperar e preservar material biológico considerando a presença de passivo histórico. (3) Identificação e Taxonomia — Garantir adequada identificação e caracterização do material biológico depositado nas Coleções. (4) Pesquisa e Inovação — Criar condições para que o material das Coleções seja utilizado em atividades de pesquisa, inclusive explorando seu potencial biotecnológico. (5) Formação e Valorização de Talentos — Gerar capital humano voltado à curadoria de acervos biológicos. (6) Preservação e Difusão Digital — Gerar e preservar representantes digitais dos espécimes e ampliar o acesso ao patrimônio. (7) Internacionalização — Conectar o patrimônio biológico brasileiro sob a guarda da Fiocruz com instituições estrangeiras. (8) Comunicação e Visibilidade — Ampliar a visibilidade interna e externa das Coleções Biológicas. (9) Apropriação Cultural e Responsabilidade Social — Mediar a apropriação pela sociedade do potencial residente nos acervos biológicos, seguindo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. (10) Sustentabilidade Financeira — Garantir recursos financeiros para a manutenção de todas as Coleções institucionalizadas. (11) Infraestrutura — Garantir condições adequadas de infraestrutura, aplicando metodologias de Gestão de Riscos. (12) Qualidade — Buscar adequação das Coleções diante do arcabouço

vigente de Normas de qualidade. (13) Biodiversidade — Atuar como agente de conservação *ex situ* da Biodiversidade (Fundação Oswaldo Cruz, 2023).

No início, o colecionismo na instituição se relacionava com o acúmulo de itens para suporte à pesquisa científica, já que não tinha o propósito da formação de coleções biológicas organizadas propriamente ditas. Os pesquisadores coletavam, analisavam e armazenavam material biológico de diversas regiões do Brasil, como parte de uma política para combater doenças parasitárias causadas por micro-organismos como bactérias e protozoários, e transmitidas por vetores como insetos e moluscos.

A Fiocruz, concebida inicialmente como um espaço de pesquisa e desenvolvimento em ciências biomédicas, continua reconhecida por essa finalidade. A investigação sobre como o *Museu* se conforma no desenvolvimento histórico da instituição encontra espaço para ser refletida sob conceitos como os de museu como fenômeno, processo e evento. As coleções biológicas, em meio ao seu caráter histórico e sua função como base de pesquisa, são elementos centrais a compor o complexo de acervos que formam o Preservo na atualidade, atuam como actantes na rede de influências e movimentações institucionais que se conformam, de processos museológicos à política de acervos que engloba instâncias institucionais que têm museus como parte integrante.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação das coleções ao longo de mais de 120 anos reflete a ampliação e diversificação da Fiocruz. O aumento do volume e a diversidade das coleções, resultantes de novas pesquisas, demandaram a organização de espaços dotados de processos museológicos. O Museu, portanto, se molda e se justifica pela dinâmica das atividades de pesquisa da instituição. Esses processos emergem dessas interações em rede, gerando elementos que, hoje, são reconhecidos como parte do patrimônio das ciências e da saúde. Embora o Museu não tenha sido formalmente estabelecido desde o início, ele se manifesta nas práticas institucionais como uma expressão das mobilizações que se fizeram necessárias na dinâmica institucional. A análise da história da Fiocruz, a partir de suas coleções biológicas, demonstra o Museu como uma instância dentro da atividade científica através das práticas museológicas que emergiram, práticas construídas e alteradas ao longo do tempo conforme as

circunstâncias históricas, culminantes nas políticas atuais para gestão e difusão do patrimônio cultural das ciências da saúde na instituição.

A concepção do Museu como instância advinda de processos museológicos é sustentada de modo a entendê-lo como um fenômeno sócio-histórico. Essa visão permite pensar o museu como processo, um processo que conecta ser humano, espaço, tempo e memória. Embora Scheiner não seja a autora do termo "musealidade", ela contribui significativamente para essa reflexão, argumentando que o conceito de museu pode variar ao longo do tempo, de acordo com os sistemas de pensamento das sociedades (Scheiner, 2012, p. 18). A ideia de conceber o museu como um "evento" sócio-histórico, proposto por Borges, permite identificá-lo como uma interseção entre processos, história e linguagem, sendo ao mesmo tempo um fenômeno e um produto das condições históricas de uma sociedade.

A análise das coleções biológicas da Fiocruz como actantes no contexto da TAR reforça o papel dessas coleções na construção de redes institucionais que moldam as práticas museológicas e científicas na instituição ao longo do tempo. De acordo com Latour (2012), a TAR distingue mediadores e intermediários, onde mediadores transformam, traduzem e modificam as interações entre elementos, enquanto intermediários apenas transmitem essas interações de maneira estável. Assim, as coleções biológicas, vistas como mediadores, são fundamentais na dinâmica institucional da Fiocruz, influenciando as práticas de sua preservação, gestão e difusão. Além disso, a essência do termo "ator-rede" vai além de descrever redes estáticas; trata-se de compreender as ações, fluxos e movimentos que compõem essas redes, revelando a complexidade das interações entre humanos e não-humanos (Latour, 2012, p. 205-226). Nesse sentido, o *Museu* na Fiocruz emerge como resultado dessas interações em rede, refletindo as relações entre coleções, pesquisadores e políticas institucionais. Finalmente, Latour questiona se os atores estão em um sistema ou se o sistema é constituído pelas interações entre esses atores. Essa perspectiva permite entender a Fiocruz não apenas como uma instituição que forma e mantém coleções, mas como uma rede em constante transformação, onde as coleções biológicas atuam como agentes ativos, influenciando e sendo influenciadas pelas práticas institucionais e científicas.

Desde suas origens, a Fiocruz vive um processo contínuo de expansão, e nesse ambiente, as coleções biológicas emergiram, adquirindo diferentes protagonismos. Ao adotar uma perspectiva que enxerga os processos museológicos como uma instância, este trabalho propõe uma abordagem que vincula museologia e patrimônio às práticas de pesquisa

científica e às dinâmicas das coleções. As coleções biológicas, historicamente formadas, permitem uma compreensão ampliada da relação entre a ciência produzida com a museologia e o patrimônio no contexto da Fiocruz, onde o museu advém dos processos museológicos observados. Hoje, a Fiocruz não apenas guarda acervos científicos e culturais, mas também opera como um espaço de mediação entre o passado e o presente, com o Museu contribuindo para a construção de sua identidade institucional, não somente em tempos mais recentes, mas desde suas origens.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Jaime (coord.). **Manguinhos do sonho à vida: a ciência na Belle Époque**. reimpr. atual. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2020.

BENCHIMOL, Jaime Larry; SÁ, Magali Romero (org.). **Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

BORGES, Luiz Carlos. Museu como espaço de interpretação e de disciplinarização de sentidos. **Museologia e Patrimônio**: revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <http://revista.museologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>.

BRASIL. **Decreto nº 11.228, de 7 de outubro de 2022**. Aprova o Estatuto e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz e remaneja e transforma cargos em comissão e funções de confiança. Brasília: Presidência da República, [2022]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20192022/2022/decreto/D11228.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2011.228%2C%20DE%207%20DE%20OUTUBRO%20DE%202022&text=Aprova%20o%20Estatuto%20e%20o,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em: 7 jul. 2024.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)**. Rio de Janeiro: COC, [2024]. Disponível em: <https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/dicionario>. Acesso em: 7 jun. 2024.

COMO brasileiros e brasileiras veem a Fiocruz: um estudo em 12 cidades do país. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INCT/CPCT/Fiocruz/COC, 2020. Sumário Executivo, estudo realizado pelo Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u34/comobrasileirosveemafiocruz.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.

CONGRESSO INTERNO DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 9., 2022, Rio de Janeiro. **Relatório final**: aprovado pelo Conselho Deliberativo da Fiocruz em 31/03/2022. Rio de Janeiro:

Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/IX%20Congresso%20Interno%20Fiocruz%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.

COSTA, Jane *et al.* Coleção entomológica do Instituto Oswaldo Cruz: resgate de acervo científico-histórico disperso pelo massacre de Manguinhos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 401-410, abr./jun. 2008.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Fiocruz Patrimônio Nacional da Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2021a. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/fiocruz_institucional_web_pt_0.pdf. Acesso em: 8 jul. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Preservo - Complexo de Acervos da Fiocruz**: relatório de atividades. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021b. Disponível em: file:///C:/Users/mussa/Downloads/relatorio_preservo_202110497.pdf. Acesso em: 9 jul. 2024

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas. **Coleções biológicas**: preservação de exemplares da biodiversidade de interesse para a saúde e para a biotecnologia. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. Folder. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/folder_colecoes_atualizado_2023.pdf. Acesso em: 9 jul. 2024.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

RANGEL, Márcio Ferreira; CURY, Bruno da Silva Mussa Cury. Desenvolvimento de Práticas Museológicas: Perspectiva Histórica na Fundação Oswaldo Cruz. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, [São Paulo], v. 16, p. 1-25, 2023.

SCHEINER, Tereza Cristina. O Museu como Processo. *In*: CADERNOS de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2008. p. 36-49.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan./abr. 2012.

SOARES, Bruno Brulon; VALENTINO, Ana Cristina. Tereza Scheiner. *In*: SOARES, Bruno Brulon (ed.). **A history of Museology**: key authors of museological theory. Paris: ICOFOM, 2019. p. 203-215.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

SOARES, Pedro Paulo; NOGUEIRA, Inês. Antecedentes: 1900-1986. *In*: BEVILAQUA, Diego Vaz; RAMALHO, Marina; ALCANTARA, Rita; COSTA, Tereza (org.). **Museu da vida**: ciência e arte em Manguinhos. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2017.